

**MUSEU DA VIDA | CASA DE OSWALDO CRUZ | FUNDAÇÃO OSWALDO
CRUZ**

**CASA DA CIÊNCIA | UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FUNDAÇÃO CECIERJ
MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA, DA
TECNOLOGIA E DA SAÚDE**

PAULA BARJA FIDALGO COELHO

**EXPOSIÇÃO DSTs: AVALIAÇÃO DO ADOLESCENTE
SOBRE AS VERSÕES VIRTUAL E IMPRESSA**

**RIO DE JANEIRO
Janeiro de 2010**

PAULA BARJA FIDALGO COELHO

**EXPOSIÇÃO DSTs: AVALIAÇÃO DO ADOLESCENTE
SOBRE AS VERSÕES VIRTUAL E IMPRESSA**

Monografia apresentada como requisito para obtenção de título de especialista em divulgação da ciência, da tecnologia e da saúde.

Orientação: Dr^a. Sonia Maria Figueira Mano

**RIO DE JANEIRO
Janeiro de 2010**

AGRADECIMENTOS

Para este trabalho tenho tanto a agradecer, tantas pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram a fazer essa monografia.

Primeiramente gostaria de mostrar minha gratidão à Sonia que teve muita paciência comigo nesse tempo todo de orientação.

À Ana Palma, meu muito obrigada por me ajudar na revisão deste trabalho mesmo tendo pouco tempo para tal.

Obrigada a minha mãe que sempre me apoiou em tudo o que faço e desta vez não foi diferente.

À casa das sete mulheres, obrigada por existirem e fazer minha vida muito feliz.

Minha Fefê também não pode faltar, mesmo não entendendo muito o que acontece, está sempre atrás de mim mostrando seu carinho do jeitinho dela.

Agradeço a Pri por me ajudar a construir esse trabalho com todo o seu talento.

Ao Fábio, um chefe super legal que me disponibilizou o tempo e me incentivou a fazer essa especialização.

Obrigada aos alunos e coordenadores da EPSJV, sem eles esse trabalho não teria acontecido.

À Mandy e Bia que escutaram meu desespero durante essa jornada e ofereceram ajuda sempre que possível.

Babs, Dani, Bruno, Henrique, Marcelo que tornaram as aulas muito divertidas.

Um agradecimento super especial a Chris, nosso anjinho da guarda!

RESUMO

O desenvolvimento das tecnologias tem possibilitado novas formas de comunicação, mais rápidas e mais modernas, o que causou uma aceleração da forma como as idéias e conhecimentos estão sendo difundidos e divulgados pelo mundo. Esse intercâmbio veloz de informações também intensificou o avanço científico, inclusive na área biomédica.

A divulgação desses novos conhecimentos, agora mais acessíveis à população, através da televisão, Internet e jornais, contribuiu para despertar o interesse em ciência e tecnologia. Contudo, trouxe ainda um novo olhar sobre o tema, repleto de dúvidas e incertezas.

Considerando-se estes fatos, a divulgação científica constitui-se como um fator importante para o esclarecimento dessas dúvidas, além de contribuir para a formação de um público mais crítico e reflexivo. O fascínio que as novas tecnologias (como a internet) despertam principalmente nos jovens pode facilitar a divulgação de conhecimentos sobre saúde.

Este trabalho teve como objetivo avaliar a exposição DSTs (Mano, Gouveia e Palma; 2009), em dois formatos: impresso e digital. O material aborda o tema das doenças sexualmente transmissíveis e o uso da camisinha. Através de entrevistas com alunos na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, utilizando a técnica de grupos focais, pôde-se observar que o conteúdo é de grande interesse para os jovens, possui uma linguagem acessível e coloquial.

Os jovens aprovaram ambos os formatos expositivos, considerando-os interessantes. Pode-se observar, porém, uma pequena preferência pela versão digital.

Palavras-chave: Avaliação, Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, Divulgação Científica.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	v
1. INTRODUÇÃO	6
2. AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO COMO RECURSOS DE DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA E DA SAÚDE	9
2.1. A IMPORTÂNCIA DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	9
2.2. DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO	11
3. OBJETIVOS	15
4. METODOLOGIA	16
4.1. EXPOSIÇÃO DSTs	16
4.2. PÚBLICO-ALVO	18
4.3. APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE	19
4.4. LEVANTAMENTO DE DADOS	19
4.5. GRUPO FOCAL	20
4.6. ANÁLISE DE DADOS	21
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
5.1. OPINIÕES SOBRE OS DOIS FORMATOS	23
5.2. A PREFERÊNCIA PELO JOGO	29
5.3. LINGUAGEM E CONTEÚDO	32
5.4. UTILIZAÇÃO DE IMAGENS	37
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
7. BIBLIOGRAFIA	43

Lista de Figuras

Figura 1 – Abertura. Versão Impressa	16
Figura 2 – Introdução. Versão Impressa	16
Figura 3 – Sífilis. Versão Impressa	16
Figura 4 – Abertura. Versão Digital	17
Figura 5 – Tricomoníase. Versão Digital	17
Figura 6 – Gonorréia. Versão Digital	17
Figura 7 – DSTs Quiz	17

1. Introdução

Observamos hoje em dia uma explosão de novas tecnologias que estão nos possibilitando novas formas de comunicação, sendo a Internet o grande exemplo. Quando se fala em tecnologias não se pensa apenas em aparelhos como computadores e celulares de última geração; tais inovações se remetem também a novos modos de percepção, linguagem e escritas (Martín-Barbero, 2006). Esses avanços tecnológicos modificaram, segundo Sodré (2006), a “natureza do espaço público, tradicionalmente animado pela política e pela imprensa escrita” (p.19). Atualmente, formatos tradicionais e novos (como o virtual, simulativos e telereais) interagem, possibilitando “a expansão da dimensão tecnocultural onde se constituem e se movimentam novos sujeitos sociais” (Sodré, 2006 p.19).

O avanço tecnológico trouxe consigo mudanças em nossa sociedade tanto mercadológicas quanto culturais, globalizando-a, reavivando identidades culturais ( tnicas, raciais, locais, regionais) aproximando e reconfigurando laços sociais (Martín-Barbero, 2006), principalmente entre os jovens. Segundo pesquisa do CETIC (Centro de Estudo sobre as Tecnologias da Informa o e da Comunica o) em 2008, os jovens são os usuários mais assíduos da Internet. Na faixa entre 10 e 15 anos, 53% navegaram na web nos últimos três meses; entre 16 e 24 anos, os índices são ainda maiores, com 61% de usuários habituais.

Desde o início da Revolu o Industrial no século XIX, observou-se uma acelera o dramática em como as idéias e conhecimentos se difundiram pelo mundo, devido ao surgimento de novas formas de comunica o, cada vez mais rápidas e sofisticadas (Barsa, 1996).

Dentro deste contexto, a ciência e sua aplicação tecnológica abriram caminhos para a generalização de idéias e de costumes sociais. Durante este processo de produção tecnológica, o intercâmbio veloz de informações intensificou o avanço também acelerado da ciência, inclusive na área biomédica. A divulgação de conhecimento nessa área, via programas de televisão, rádio, jornais, Internet, redes educacionais e campanhas de esclarecimento, torna mais acessíveis a uma grande parte da população as informações sobre saúde e prevenção de doenças, atingindo-a em seu cotidiano (Lefrèvre 1992 *apud* Mano, 2008).

Segundo Valério e Bazzo (2006), esse grande avanço das tecnologias e da ciência, provocou um intenso impacto social, o que contribuiu para despertar o interesse da população sobre esses assuntos. Este fato trouxe para a população, um novo olhar sobre a ciência e a tecnologia, cheio de dúvidas e incertezas, o que, segundo os autores, “tem reformulado – ainda que gradativamente – a ingênua fé progressista na C&T que figura no âmbito social”. Essas dúvidas e incertezas fizeram com que o público se envolvesse mais nas discussões e participasse mais nas decisões sobre os assuntos relacionados à ciência e tecnologia.

Considerando estes fatos, a divulgação científica constitui-se como um componente primordial, contribuindo na formação de um público mais crítico e reflexivo, principalmente na área da saúde. Entre os jovens, a educação em saúde se torna ainda mais importante, principalmente quando falamos nos assuntos relacionados a sexo e sexualidade. Este tema, ainda hoje, é um tabu na nossa sociedade. Por isso, a divulgação deste conhecimento deve ser muito bem

trabalhada entre os jovens: “conhecer essa realidade deve ser um dos pontos de partida do trabalho de orientação e educação para a sexualidade” (Mano, 2008).

Como foi dito anteriormente, os jovens são a parte da população que mais acessa a Internet, o que mostra como esta faixa etária é muito atraída pelas novas tecnologias. Essa atração e a familiaridade com as novas tecnologias podem ser utilizados com o objetivo de despertar a atenção dos jovens para assuntos importantes, como a prevenção em saúde.

A divulgação da ciência e da saúde realizada por meio de recursos das Novas Tecnologias é uma das questões que embasam este estudo. Ela fundamenta a segunda parte deste trabalho, a avaliação da Exposição DSTs (Mano, Gouveia e Palma; 2009). O material da exposição é uma adaptação de parte do multimídia “Amor e Sexo: Mitos, Verdades e Fantasias” (Mano, Gouveia e Palma; 2004)¹, desenvolvido pela equipe do Serviço de Design e Produtos de Divulgação Científica (SDPDC) do Museu da Vida, da Casa de Oswaldo Cruz, unidade da Fiocruz.

A avaliação foi realizada por alunos da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e, por meio da técnica de grupos focais, analisou-se a opinião de dois grupos de jovens aos dois formatos da exposição: digital e impresso. Nas entrevistas com os alunos, procurou-se avaliar a linguagem, compreensão dos conteúdos e a preferência dos jovens por um dos formatos.

¹ O multimídia Amor e Sexo: mitos, verdades e fantasias foi produzido pelo Serviço de Design e Produtos de Divulgação Científica (SDPDC) da Casa de Oswaldo Cruz (COC), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) com apoio do Edital SocInfo/ProTeM 01/2001, do CNPq.

2. As Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação como recurso de Divulgação da Ciência e da Saúde

2.1. A Importância da Divulgação Científica

Hoje em dia, a ciência e a tecnologia fazem parte do nosso cotidiano, transformando e facilitando nossas vidas, criando novos medicamentos, novas formas de tratamento de doenças além de nossos momentos de lazer. Elas estão entrando constantemente em nossas casas, pelas televisões, nos jornais, revistas. Às vezes, o excesso de informação, apresentado nos mais diferentes meios, deixa-nos perdidos e confusos, incapazes de saber se aquilo que estamos vendo possui veracidade ou não, se causa ou não consequências para nós e ao meio ambiente.

Cerca de 91% dos brasileiros possuem algum interesse por assuntos relacionados à saúde e medicina, 90% por temas ambientais e 76% por ciência e tecnologia (Brasil/ MCT, 2007). Porém, segundo Palma (2009), grande parte dessas pessoas interessadas “mostram um envolvimento passivo com temas de ciência e tecnologia, limitando-se a informações veiculadas por jornais ou pela TV” e, entre as que demonstraram desinteresse, atribuem isto ao fato de não entenderem o assunto.

Neste contexto, Oliveira (2007) afirma que a divulgação científica surge como algo necessário para nossa sociedade: é preciso incluir grande parte da população nesse mundo cada vez mais configurado pela ciência e pela tecnologia.

Mas o que é divulgação científica? Massarani (1998) faz uma revisão sobre os diferentes conceitos de definições que surgiram ao longo do tempo: difusão científica, disseminação científica, vulgarização científica, divulgação científica,

popularização da ciência. Apesar desses diversos termos, a designação divulgação científica, no Brasil, é hegemônica. Segundo a autora, a definição mais abrangente é de Roqueplo (1974), que afirma ser qualquer “atividade de explicação e de difusão dos conhecimentos, da cultura e do pensamento científico e técnico. Ela não tem o objetivo de formar nem aperfeiçoar especialistas, mas sim de se dirigir ao maior público possível sem excluir os próprios cientistas”.

A divulgação não é mostrar ao leigo, as tecnicidades e as últimas descobertas da ciência, e sim saber como ela funciona culturalmente (Ozório *apud* Massarani, 1998), aumentar a consciência das pessoas sobre as questões da ciência e, assim, torná-las mais críticas e capazes de discutirem políticas nesse campo (como no caso dos transgênicos, por exemplo; assunto tão debatido e tão pouco compreendido hoje em dia).

Autores como Barros (2002) e Marandino (2005) ressaltam as várias críticas, desafios e limites sofridos pela divulgação da ciência. Muitos cientistas reagem de uma forma negativa a essa atividade, afirmando que a transposição da linguagem científica, muitas vezes, deturpa, distorce, simplifica o conhecimento produzido por eles.

Outra dificuldade é o que se pode chamar de ciência do espetáculo. Massarani (1998), em sua tese, cita Cini (1998) que afirma que a ciência é mostrada como algo espetacular, que produz verdades absolutas, o que é um erro, já que a ciência é fruto de um processo dinâmico, apresentando verdades provisórias, confronto de idéias, controvérsias, riscos e incertezas.

Segundo Burns, O'Connor & Stocklmayer (2003), os resultados da divulgação científica apresentariam quatro estágios. O primeiro seria o da

familiaridade e atitudes positivas em relação à ciência. O segundo seria o da compreensão dos conteúdos e processos científicos e de como eles afetam a sociedade. O terceiro seria o momento em que a pessoa não só compreende, mas também demonstra interesse, se envolvendo, buscando aprender mais sobre e construindo suas próprias opiniões. O quarto, e último estágio seria o de apoio à ciência e suas formas de divulgação.

Para a divulgação científica, é interessante que a informação esteja acessível e disponível para todos, em diferentes meios e locais, dentro ou fora dos ambientes de ensino. Através da Internet, telefones celulares, cd-rom, a divulgação torna a ciência e a tecnologia mais acessíveis a uma parcela maior da população. E o fascínio que os jovens possuem por esses meios contribui ainda mais para essa união entre divulgação de conhecimentos e as novas tecnologias.

2.2. Divulgação e as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação

“Vivemos em um ambiente de informação que recobre e mistura vários saberes e formas diversas de aprender” (Matín-Barbero, 2006; p.56). Apesar disso, nosso sistema educativo ainda é organizado ao redor da escola e dos livros, centralizado em figuras sociais determinadas, com o professor sendo o detentor de todo o saber necessário. Nesse sentido, para o autor, é importante que, com a transformação nos modos de circulação do saber que estamos vivendo (através das NTICs), haja mudanças profundas em nossa sociedade, principalmente nas formas de aprendizado.

No Brasil, desde a década de 1970, existem iniciativas que visavam informatizar o ensino (primeiramente voltadas para o ensino de física). A partir de 1992, novos parâmetros e experiências foram introduzidos, possibilitando a conexão via Internet e permitindo uma interação em escala mundial.

As NTICs são consideradas materiais importantes e úteis na exposição de informações em espaços de educação não formal de divulgação científica, pois transmitem o conhecimento de modo lúdico e interativo. A informática, por ela mesma, já é um atrativo para crianças e jovens e, a associação com os diversos meios de informação (como vídeos, áudios, o seu uso em rede, etc) é capaz de ampliar sua capacidade comunicativa e permitir que conteúdos sejam apresentados de formas diferenciadas e complementares (Mano, 2008).

Além do desenvolvimento e crescimento expressivo da tecnologia digital, a evolução da informação como riqueza trouxe, para o campo da educação, a discussão sobre o uso das novas tecnologias da informação e da comunicação no ambiente escolar. As NTICs na escola poderiam potencializar o processo de ensino-aprendizagem. Mas ainda existem opiniões muito diversificadas sobre as contribuições que as novas tecnologias poderiam oferecer. Referindo-se à informática, Carraher (*apud* Rezende, 2000) não considera sua contribuição conceitual apenas de ordem tecnológica, pois não oferece subsídios para elaboração de novas idéias nos processos de aprendizagem ou ensino.

Já Martín-Barbero (2006) acredita que o conhecimento e a informação estão dispersos, pois hoje são capazes de circularem fora das escolas, que estão deixando de ser o único lugar de legitimação de saber. Ele afirma ainda que, atualmente, há uma variedade de saberes circulantes em outros canais, de forma

difusa e descentralizada. Esses “saberes-mosaico” não impedem, muitas vezes, o jovem de, frequentemente, ter acesso a informações mais atualizadas do que seus professores. Tal fato acarreta na escola, “não uma abertura a esses novos saberes, mas sim, uma posição defensiva, e a construção de uma idéia negativa e moralista que a questiona com profundidade, desde o ecossistema comunicativo das mídias e das tecnologias de comunicação e informação” (p. 57).

Essa discussão aponta para a necessidade de fornecer recursos tanto para o acesso e uso da informação pela população em geral, no caso deste estudo, os jovens, como para fornecer meios que possam ser apropriados pelos profissionais da educação. O acesso e uso das novas tecnologias não estão universalmente distribuídos especialmente em termos de velocidade e capacidade de acesso a informação disponível. Oferecer recursos produzidos para a Internet por meio de multimídias, ou em material impresso, que podem ser distribuídos em locais sem acesso ou com dificuldades de acesso rápido pode representar um meio de ampliar a rede de informações disponível ao público escolar. Da mesma, a adaptação de matérias impressas ou produzidos em programas multimídia podem ampliar a oferta dos mesmos, facilitando seu acesso e multiplicando suas possibilidades de ação (Mano, 2008).

Esta proposta vem sendo realizada pela equipe de trabalho do SDPDC, que tem adaptado seus produtos, voltados para o público do Museu da Vida (COC/Fiocruz) e no site *Invivo*, para outros formatos de exibição da informação. Esta iniciativa visa aumentar o alcance de seus trabalhos por outros públicos, como o escolar.

A Exposição DSTs (Mano, Gouveia e Palma; 2009) é resultante da proposta de reaproveitamento do material sobre doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) produzido no multimídia “Amor e Sexo: mitos, verdades e fantasias” (Mano, Gouveia e Palma; 2004). O multimídia foi avaliado e aprovado pelo público jovem e por profissionais de saúde como um produto capaz de fornecer informações educativas sobre sexualidade (Mano; 2008; Mano, Gouveia e Schall; 2009) o que torna oportuna a sua divulgação de modo amplo.

O material sobre DSTs foi reformulada de modo a ser apresentado em duas novas formas de informação: a Internet e a exposição impressa. Embora o conteúdo e o formato originais já tenham sido testados, essa nova utilização levantou o interesse de estudar a diferença da percepção e aceitação pelo público do produto nos formatos digital e impresso.

3. Objetivos

Este trabalho tem como objetivo comparar a percepção e a aceitação do público jovem em relação a exposição DSTs (Mano, Gouveia e Palma; 2009), apresentada nas versões digital e impressa.

Objetivos específicos

- Avaliar a opinião do público jovem sobre a linguagem da exposição
- Observar se existe preferência do público jovem quanto ao formato expositivo: impresso ou o digital
- Avaliar se existem diferenças na compreensão da informação fornecidas no meio impresso e no digital.

4. Metodologia

4.1. Exposição DSTs

O multimídia “Amor e Sexo: mitos, verdades e fantasias” (Mano, Gouveia e Palma; 2004) foi criado para ser um dos materiais expositivos inseridos no projeto de educação em saúde no Museu da Vida. O tema do multimídia é a sexualidade, assunto ainda hoje rodeado de preconceitos, tabus e desinformação. Com uma linguagem de fácil acesso aos jovens, ele aborda informações sobre fatos biológicos e químicos, assim como fatores subjetivos, como atração sexual, relacionamentos, afetividade, entre outros.



Fig. 1 – Abertura. Versão Impressa.



Fig. 2 – Introdução. Versão Impressa.



Fig. 3 – Sífilis. Versão Impressa.

A proposta previu duas versões da Exposição DSTs (Mano, Gouveia e Palma; 2009): uma impressa e outra digital. A versão impressa foi realizada para se tornar parte das atividades do Ciência Móvel, uma exposição itinerante que percorre, em um caminhão, municípios da região Sudeste. A versão em formato

digital estará disponível no Invivo (www.invivo.fiocruz.br) – site desenvolvido pelo SDPDC, da COC/ Fiocruz, voltado para a divulgação científica por meio de matérias sobre ciências, saúde e tecnologia, jogos, exposições e experiências.



Fig. 4 – Abertura. Versão Digital



Fig. 5 – Tricomoníase. Versão Digital



Fig. 6 – Gonorréia. Versão Digital



Fig. 7 – DSTs Quiz.

A exposição é constituída de 15 cartazes com informações sobre as doenças sexualmente transmissíveis e o uso de preservativos feminino e masculino. A versão digital contém também o *Quiz* DST – um jogo de perguntas e respostas sobre as doenças sexualmente transmissíveis - que também estará disponível, em microcomputadores na exposição. Este jogo, que possui três graus de dificuldades, cada um com cinco perguntas, também foi produzido pelo SDPDC e desenvolvido no programa Macromedia Flash Professional 8. O conteúdo, tanto

da exposição quanto do jogo, tem como público-alvo principalmente jovens entre 15 e 21 anos.

4.2. Público-alvo

Para avaliar este trabalho, foram selecionados aleatoriamente 13 jovens, de ambos os sexos, com idade entre 15 e 18 anos de idade. Todos eram alunos de cursos da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

A EPSJV se dedica a atividades de ensino, pesquisa e cooperação no campo da educação profissional em saúde. Oferece cursos de formação inicial e continuada e cursos técnicos de nível médio nas áreas de Vigilância, Atenção, Informações e Registros; Gestão; Técnicas Laboratoriais e Manutenção de Equipamentos.

A escola está voltada para profissionais de nível fundamental e médio, que correspondem à maioria dos profissionais de saúde no Brasil. A escola tem como objetivos principais a coordenação e implementação de programas de ensino para saúde pública; a elaboração de propostas que definam as políticas educacionais em saúde; a formulação de materiais e metodologias educacionais; e a produção e a divulgação de conhecimentos nas áreas de trabalho, educação e saúde. (Site da EPSJV, 2010)

4.3. Apresentação da Atividade

Para realizar esta pesquisa, a exposição DSTs (Mano, Gouveia e Palma; 2009) foi apresentada em dois formatos: digital e impresso. O formato impresso ficou à mostra na sala de aula cedida pela coordenação da EPSJV. A versão digital foi disponibilizada nos computadores da biblioteca da própria escola.

Os alunos foram divididos em dois grupos (um com seis participantes e o outro com sete). Cada grupo avaliou ambas as exposições: o primeiro grupo analisou as mostras no dia 19 de novembro de 2009 e o outro no dia 03 de dezembro de 2009.

4.4. Levantamento de Dados

Foram realizados dois Grupos Focais para este estudo, com os grupos e nas datas já apresentadas acima. Ambos os grupos analisaram as duas exposições, sendo que o primeiro examinou inicialmente o formato impresso e depois a versão digital; já no segundo grupo ocorreu o inverso.

A dinâmica utilizada no grupo focal ocorreu da seguinte maneira: após analisarem o primeiro formato, eles discutiram em cima das perguntas previamente formuladas sobre a exposição. No debate, procurou-se saber sua opinião, sugestões e críticas com relação à obra. Ao fim dessa primeira parte do grupo focal, os alunos tiveram acesso ao segundo formato e participaram de nova discussão, dessa vez comparando um formato expositivo com o outro. Ambas as etapas de discussão foram filmadas, com o consentimento do grupo e seguindo as

orientações do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio a qual o projeto foi submetido e aprovado.

4.5. Grupo Focal

O grupo focal é uma técnica que utiliza as sessões grupais e prevê a obtenção de dados a partir de discussões planejadas, nas quais os participantes expressam suas percepções, crenças, valores, atitudes e representações sociais sobre uma questão específica num ambiente permissivo e não constrangedor” (Wetphal *et al.*, 1996 p. 473).

A dinâmica do grupo não é a simples entrevista em que o pesquisador pergunta e o participante responde, mas sim uma sessão grupal em que os participantes discutem sobre vários aspectos de um tópico específico. Os grupos são constituídos por cerca de seis a 15 participantes, que são normalmente selecionados por apresentarem pelo menos uma característica em comum (sexo, escolaridade, idade, etc).

O grupo focal é conduzido por um moderador que propõe diversas questões aos participantes. Seu papel é de encorajar a expressão livre de suas opiniões sobre a questão em estudo e “manter a discussão focalizada, fazendo resumos e retomando o assunto quando alguém se desvia dele” (Wetphal *et al.*, 1996 p.473). Além do moderador, um observador é responsável por observar e captar as respostas não verbais que os participantes possam expressar, e fazer uma análise ao final da sessão de como foi a coordenação do moderador.

Ao fim das reuniões, as gravações das atividades são transcritas e analisadas, o que proporciona uma visão geral do problema em foco.

Wetphal *et al.* (1996) mostram as vantagens e as limitações desse método. As vantagens são: obtenção de dados rápida e com baixo custo; permite a participação da população na produção de projetos educativos desde o seu planejamento; como não seguem um roteiro rígido, o moderador tem mais flexibilidade e liberdade para modificar a ordem das “questões ou sua redação com vistas ao aprofundamento das respostas” (p. 479).

Entre as limitações desse método figura o fato de que o pesquisador possui menos controle sobre a entrevista, o que permite a qualquer participante influenciar e interagir com os outros e, dessa forma, intervir no curso da discussão. É preciso que as discussões ocorram em ambientes não constrangedores. Os gastos dos participantes (como transporte, por exemplo) devem ser baixos ou nenhum. A análise de dados – algo já subjetivo - torna-se mais complexa. A maior inconveniência, segundo os autores, é “a utilização de uma amostra intencional, muitas vezes pequena quando comparada às utilizadas em estudos descritivos de amostragem” (p.480).

4.6. Análise dos Dados

A análise da opinião dos jovens foi feita a partir da leitura interpretativa das falas transcritas das gravações dos dois grupos focais. A seleção foi realizada pela recorrência dos pensamentos emitidos, consensos e discussões

interessantes para responder às questões levantadas, e outras inesperadas, que enriqueceram a avaliação do produto.

5. Resultados e Discussões

5.1. Opiniões Sobre os Dois Formatos

Analisando as primeiras impressões dos dois grupos sobre a versão impressa da exposição, ambos tiveram uma posição positiva. Os jovens dos dois grupos acharam a versão interessante, um formato bom para colocar em postos de saúde e em escolas, pois muitos jovens não param para buscar informações sobre DSTs espontaneamente na Internet, segundo os entrevistados, conforme se pode ver nos diálogos abaixo:

Segundo Grupo

Entrevistado 2 – “E a maioria pensa: – Ah, vou na Internet e pesquisar sobre doenças sexualmente transmissíveis?”

Entrevistado 5 – “não...”

Entrevistado 2 – “(...) por isso que é importante... na escola... divulgar o site. Que é o caso dos cartazes...”

Entrevistado 6 – “E, além disso, a pessoa não vai ao site pesquisar. Se tiver alguma coisa, ela vai parar pra ler.”

Apesar do saldo positivo, alguns dos entrevistados consideraram a exposição cansativa. Com relação a este ponto, é preciso levar em conta a apresentação do material. O primeiro grupo, que começou observando a

exposição impressa, considerou que, apesar desta abordar um tema que despertou seu interesse, a disposição dos cartazes (um ao lado do outro) tornou tudo um pouco monótono:

Entrevistado 6 - “não sei se é a forma de ter colocado tudo assim”

Entrevistado 3 – “é... talvez colocar um espaçamento entre os pôsters.”

Entrevistado 1 - “(...) numa exposição, não seria legal se fizer tudo plano, muito sequencial. Assim, tomando essa sala como o local da exposição, colocar mais disperso pelas paredes, porque ler seguido vai cansar a vista, e tal... Mas a pessoa se deslocando, ela já não vai ficar tão cansada.”

A partir do que os entrevistados disseram, deve-se considerar que é importante planejar a disposição espacial da exposição, pois dependendo de como é feita pode se tornar cansativa para o público. No caso apresentado, por exemplo, havia disponível apenas uma parede da sala, o que obrigou a apresentação dos pôsters próximos uns aos outros.

Em relação à exposição virtual, os entrevistados de ambos os grupos tiveram uma reação muito positiva, considerando-a muito interessante, principalmente pela sua interatividade.

Primeiro Grupo

Entrevistado 3 – É... Tem interação, ‘né’?

Segundo Grupo

Entrevistado 2 – “Propõe um momento interativo”.

Delaunay (2008) diz que a interatividade pode favorecer novos suportes ao pensamento e novos processos cognitivos, além de ser um bom instrumento de avaliação, em que se pode analisar que problemas o usuário enfrentou, como conseguiu contorná-los, em que segmentos da mostra ele se deteve por mais tempo, entre outros. Ainda, segundo o autor, “a interatividade enfim, atenua a separação clássica entre a postura do autor e aquela do leitor, e o utilizador pode ser sucessivamente emissor e receptor, aquele que produz e aquele que reage” (p.284). Dentro desta idéia, podemos dizer que, ao terem a sensação de poder controlar como visitar a exposição, esses jovens sentem-se mais atraídos por esse meio digital.

Quanto à preferência por um formato ou outro, o primeiro grupo demonstrou com clareza que a exposição digital era bem melhor do que a impressa:

Entrevistado 5 – “Maneirão.” “bem melhor do que...” (apontando para a exposição em papel).

Entrevistado 6 – “Bem melhor.”

Quando perguntado o motivo, o entrevistado 6 respondeu:

“ah porque é uma coisa que marca a gente”.

Porém, o segundo grupo, que analisou primeiramente a exposição digital, disse não ter preferência maior por um por outro, acrescentando que são meios diferentes. É curioso que um dos integrantes manifestou preferência pelos cartazes, alegando não ter tempo para vê-los na internet e afirmando que só faria uma visita virtual se estivesse com muita curiosidade.

Segundo grupo

Entrevistado 4 – “Chamam mais atenção, mas de forma diferentes.”

Entrevistado 6 – “É... não tem um melhor nem um pior, são formas diferentes.”

Entrevistado 2 – “Assim, se você tivesse em um lugar que tivesse acesso aos dois, eu acho melhor os cartazes. Porque, por exemplo, eu ‘tô’ aqui na escola; aí se falam: – Ah! Tem o site do Museu da Vida que ‘tá’ explicando tudo.

Você vai entrar em casa?

Gente, eu não tenho tempo, muitas pessoas não têm. Você tem um monte de coisa pra fazer ou não! Você vai na Internet pra entrar no site? Só se você tiver uma curiosidade sim por saber. Agora, assim só por saber, pra tomar conhecimento você vai... Agora, o cartaz está aqui também. Você vai lá, legal, beleza.”

Apesar de um dos entrevistados ter se referido à falta de tempo para ver a exposição na internet, todos disseram querer ter acesso a esse tipo de produto. Consideraram que é um importante meio de divulgação desse tipo de informação, principalmente junto aos jovens que estão iniciando suas vidas sexuais e têm pouco conhecimento sobre a maioria das doenças sexualmente transmissíveis apresentadas na exposição.

Segundo grupo

Entrevistado 1 – “Se tivesse sido apresentado em outras escolas.”

Entrevistado 6 – “E em outras “classes”, assim, não no Brasil inteiro, mas todo mundo tem acesso...”

Entrevistado 1 – “Todo mundo ter a chance de informação...”

Entrevistado 6 – “É... para todas as classes...”

Entrevistado 1 – “Até porque jovens do ensino médio, muitos já estão iniciando sua vida sexual. Então, a maioria das vezes eles não conhecem, acham que...”

Entrevistado 6 – “Acham que conhecem, acham que isso não vai acontecer, ou então aquele negócio: - Ah! Nunca vai acontecer comigo...”

Entrevistado 1 – “Além da internet, fazer uma divulgação nas escolas, tipo se pelo menos puder ir lá pra mostrar pra diretoria de vários colégios, que existe essa apresentação direcionada pra jovens que está lá. E comentar que passam esses conteúdos, divulgar mesmo.”

Ao abordar a questão de conhecimentos prévios no campo da ciência, Falk (2002) afirma que o público sabe bastante sobre o tema, mas não de forma uniforme. O autor classifica esse conhecimento como variado e prático, já que resulta dos interesses pessoais, necessidades e curiosidades da população.

Falk *et al* (2005) propõem o modelo “contextual de aprendizagem”, baseado no que eles chamam de aprendizado por livre escolha, que ocorre em momentos

de lazer durante toda a vida. Embora importante, a escola não é, hoje, o principal local de aprendizado; aprendemos ciência com a família, os amigos, assistindo a televisão, navegando na Internet, e também em visitas a museus e exposições (Falk *et al*, 2007).

Na análise dos dois formatos, os entrevistados levantaram também um ponto importante: a questão da acessibilidade das escolas (que poderiam estar interessadas em apresentar a Exposição DSTs) e dos jovens. Discutindo sobre o assunto, muitos consideraram que a versão impressa seria melhor, pois muitas pessoas e escolas não têm acesso a computador ou o têm de forma limitada. Logo, o formato impresso permitiria a inclusão de jovens que vão à escola e possuem pouco ou nenhum acesso a internet.

Avaliando o uso dos computadores nas escolas, Horwitz & Intemann (2007), nos Estados Unidos, afirmam que, mesmo quando estas dispõem de banda larga, restringem o tempo de acesso dos alunos e impedem o *download* (tanto pelos estudantes, quanto para os professores) de programas que são exigidos para atividades mais complexas. Assim, os autores consideram o desenvolvimento de sites mais simples ideal para o uso no contexto escolar.

Segundo Grupo

Entrevistado 1 – É melhor pra chegar às pessoas de classes mais baixas, principalmente porque a maioria das escolas não tem computadores individuais pra todo mundo. Tipo... A pessoa assistir a apresentação no seu próprio ritmo (...)

5.2. A Preferência Pelo Jogo

Mas o que mais marcou todos os entrevistados dos dois grupos foi o *quiz* DSTs, um jogo de perguntas e respostas sobre doenças sexualmente transmissíveis, que estava disponível apenas no formato digital. O jogo foi citado nos dois grupos e sua presença foi a principal justificativa para a preferência do primeiro grupo pela versão para computador.

Primeiro grupo

Entrevistado 3 – “Tem o *quiz* também.” “O *quiz* é maneiro.”

Entrevistado 2 - (...) “O *quiz* é muito legal, quando você erra aparece assim os vermezinhos, os microorganismos e tal...”

Entrevistado 7- (...) “Na Internet ficou melhor por causa do jogo (*quiz*). Eu achei bem interessante.”

Quando questionados sobre em qual dos formatos o conteúdo era de mais fácil compreensão, muitos responderam a versão digital, devido ao *quiz* por sua linguagem coloquial, portanto mais próxima do cotidiano desses jovens.

Primeiro Grupo

Entrevistado 5 – “Ah! Acho que naquela (*virtual*) por causa do *quiz*.” “O *quiz* é que fez a diferença.”

Segundo grupo

Entrevistado 6 – “O segredo é o *quiz*.”

Entrevistado 5 – “Eu gostei das alternativas, eu achei bem engraçadas...”

Entrevistado 4 – “É! Tipo usar um desodorante que melhora...”

Entrevistado 6 – “Eu achei legal, porque pra gente, é uma coisa idiota, mas tem gente que não, que acha mesmo”. (...) “Então pra gente é um pouco idiota, um pouco óbvio, mas pra algumas pessoas, dependendo de onde isso vai chegar não é tão óbvio...”

As palavras dos jovens reforçam o que Ferreira (2007) diz, em seu trabalho sobre jogos eletrônicos, que “um ensino participativo e imersivo pode ser realizado por meio dos *games*” (p.4). O autor coloca quatro questões essenciais pra sua proposta educacional através de jogos eletrônicos. A primeira é a “vivência pela imersão”. Para ele, os jogos levam o aluno a viver em um mundo virtual, onde é capaz de realizar, observar e fazer coisas que não são possíveis no mundo cotidiano. A segunda, já discutida anteriormente, é a “participação pela interatividade”, o que faz com que a pessoa se sinta no comando da situação. Para ele, “os jogos eletrônicos estimulam a participação dos educandos no processo de aprendizado, visto que aqueles são interativos em sua essência, isto é, demandam uma participação ativa dos seus usuários em suas estruturas de funcionamento, para que operem como tal” (p.5). A terceira seria o “prazer pelo lúdico”, que segundo o autor é o pilar de todos os jogos, já que ninguém procuraria um jogo que lhe trouxesse sofrimento. E, finalmente a quarta seria “aprendizado pelo prazer”, em que ele defende que se queremos utilizar os jogos com objetivos

educativos, este tem que oferecer ao jogador momentos de prazer e alegria. Assim, o aprendizado ocorrerá como consequência do entretenimento.

Ainda favorecendo a utilização de jogos como recurso pedagógico, Pimenta *et al.* (2006) dizem que recursos lúdicos possibilitam a identificação da criança ou do jovem com personagens da história ou a evocação de situações de sua vida, “gerando diálogos sobre seu cotidiano, suas práticas, os riscos a que está sujeito em seu ambiente, promovendo, enfim, uma reflexão sobre sua saúde e sua vida” (p.91). Dessa forma, eles podem construir novos conceitos científicos sobre prevenção e cuidados com a saúde e práticas a serem evitadas.

Ferreira (2007) também ressalta a importância dos jogos eletrônicos. Para ele, “ao contrário do que muitos educadores imaginam, o caráter alegre e divertido do jogo, não o faz menos sério. Muito pelo contrário. Em sua maioria, os jogos são regidos por regras bastante determinadas e estabelecidas, e os próprios participantes tendem a agir como juízes e observadores dessas regras, não permitindo que os outros participantes de modo algum as quebrem” (p.6).

Dentro deste conceito pedagógico, podemos considerar que o *quiz* DSTs se torna um fator importante para um melhor entendimento das questões abordadas na exposição.

Apesar da preferência apresentada e da ênfase no aspecto lúdico, quando questionados se seria interessante colocar o *quiz* disponível na exposição impressa, os entrevistados consideraram que não faria diferença e não traria nenhum acréscimo à mostra. No entanto, acham que seria interessante divulgar o site com a exposição virtual e o *quiz* nos cartazes da versão impressa.

Primeiro Grupo

Entrevistado 2 – “Poderia colocar essa (*a exposição impressa*) e indicar o site por causa do *quiz*. Seria legal.”

Segundo Grupo

Entrevistado 6 – “Acho que podia ter também, no cartaz algum tópico, algum lugar pra contar que também tem no site. Porque, às vezes, a pessoa vê, mas ‘tá’... Você não quer parar pra ver! Aí você põe *quiz* no site tal... Pra que a pessoa entre se puder, mas se não tiver a hora... Aí a pessoa já vai procurar, que é interessante colocar o site.”

5.3. Linguagem e Conteúdo

Questionamos os jovens entrevistados quanto à linguagem e à compreensão dos conteúdos disponíveis nas exposições. Como o texto é o mesmo, não foi feita uma avaliação separada da linguagem nos dois formatos.

Ambos os grupos consideraram a linguagem clara, objetiva, bem popular e jovem.

Primeiro grupo

Entrevistado 2 – “Uma linguagem bem tranqüila, bem popular, jovem.”

Entrevistado 3 – “Linguagem bem objetiva.”

Segundo Grupo

Entrevistado 1 – “É com uma linguagem pra jovem mesmo... fazendo xixi, fazendo coco...”

Entrevistado 6 – “Não ficou aquela coisa chata, a gente se diverte, rindo... Ficou bem acessível, eu achei.”

Alguns dos participantes consideraram algumas informações um pouco repetitivas, pois há frases semelhantes em alguns tópicos, como aquelas que se referem à camisinha e ao casal.

Segundo grupo

Entrevistado 1 – “Talvez assim, até mesmo aqui (*na exposição impressa*), algumas coisas ficaram meio repetitivas, tipo falar de camisinha (...)”

Entrevistado 4 – (...) “é que tudo que a gente entrava falava, a camisinha protege, a camisinha protege, a camisinha protege. (...) Então, aí fica repetitivo.”

Apesar de considerar repetitivo, o mesmo participante (entrevistado 1), após refletir sobre o assunto, achou interessante reiterar as informações, pois desta forma se reforça a idéia de que camisinha é importante, por exemplo.

Entrevistado 1 – “Às vezes fica até positivo em repetir sempre, a camisinha previne, porque isso frisa bastante. Você “estimula”, você deixa na cabeça da pessoa que ela realmente precisa usar a camisinha. Que ela é um canivete suíço, ou seja, ela vai prevenir pra praticamente todas as DSTs.”

Os participantes de ambos os grupos consideraram que o conteúdo é muito interessante, por mostrar as doenças que não são tão conhecidas pela maioria da população. Além disso, segundo os entrevistados, o início da exposição apresenta dados estatísticos que chamam a atenção das pessoas para a seriedade que envolve o tema doenças sexualmente transmissíveis.

Primeiro grupo

Entrevistado 2 – “(...) 340 milhões, 340 milhões o que?? Que é muita coisa! Ah... de casos de DSTs... Aí já dá o maior impacto, quando você viu, você continua lendo.”

Segundo Grupo

Entrevistado 2 – “(...) chama muita atenção aquele cartaz que tem os dados. Porque você vê as doenças, tipo a maioria das pessoas nunca ouviu falar na vida... A maioria já ouviu falar sobre a AIDS que é a mais visada, as outras pode parecer algo distante assim... Ah, essa doença não acontece comigo, sei lá... É algo muito distante. Agora quando você coloca ali 140 milhões. chama mais atenção, prende pra eles lerem. ‘Pô’... Ah agora eu tenho mais noção que pode acontecer comigo. Não é um número qualquer, não são cinco pessoas. São tantas assim...”

Tais estatísticas dispostas na abertura da exposição referem-se apenas ao número total de pessoas que adquiriram algum tipo de DST. Este fato instigou a curiosidade dos entrevistados que acharam que seria interessante ter dados específicos de cada doença apresentada na exposição.

Primeiro grupo

Entrevistado 2 – “Seria legal também talvez botar o numero de casos encontrados de cada um. Assim... mais ou menos diagnosticados, que, também como são provavelmente altos, ia chocar a população.”

Alguns sentiram falta de casos reais, acreditando que seria interessante colocar relatos de pessoas que tiveram a doença, além de pessoas que tiveram que avisar ao parceiro que a tinham contraído. Na opinião deles, relatos reais da doença poderiam chamar a atenção das pessoas e até mesmo chocá-las.

Segundo Grupo

Entrevistado 3 – “Podia ter aquelas perguntas tipo: - Ah! Eu estou com a minha namorada faz uns três meses, perguntas assim com respostas, perguntas tipo... eu estou com meu namorado faz três meses e descobri que eu estou com um corrimento e tal no pênis, o que vocês acham que eu devia fazer e tal... tipo um conselho assim...”

Entrevistado 1 – “Colocar depoimentos de pessoas.”

Entrevistado 5 – “Colocar as experiências de algumas pessoas. Ao invés de falar com seu parceiro, poderia dizer procurar um momento. Ah! Indicar, ajudar a pessoa na hora de contar, por que às vezes a pessoa pode não querer contar porque...”

Entrevistado 6 - “Eu acho interessante também... não sei se tem espaço, mas colocar uma parte de quando você ouve o seu parceiro.”

Quando questionados sobre a facilidade de entendimento de leitura, ambos os grupos consideraram que as duas versões são de fácil leitura e, conseqüentemente, de fácil compreensão, devido aos textos estarem disponíveis em tópicos e não num formato de texto corrido.

Primeiro Grupo

Entrevistado 6 – “Eu acho que... o tópico facilita a vida, você lê: – Ah! Esse é o sintoma”.

Segundo grupo

Entrevistado 4 – “(...) Porque se você pegar o texto corrido e der pra uma pessoa ler, se ela não estiver realmente interessada naquilo, ela vai parar no terceiro parágrafo. Agora, está em tópicos, com imagens, chama a atenção. Então a pessoa vai realmente parar pra ler aquilo, pra prestar atenção.”

Entrevistado 5 – “Se você der um texto assim num papel, a pessoa vai ver aquilo e ‘pô’...”

Entrevistado 4 – “Às vezes tem o mesmo conteúdo, mas está distribuído de outras maneiras, então chama atenção sim...”

Apesar de considerarem um texto de fácil leitura, alguns dos entrevistados afirmaram que não leriam toda a exposição em um único dia. Eles consideraram a versão impressa muito grande, alegando não dispor de muito tempo para ler todo o material exposto.

Entrevistado 3 - “(...) só que pra você parar e tomar no máximo 10 minutos pra ler... Acho que ninguém ia querer dispor 10 minutos pra ler, mesmo que seja um assunto relevante pra...”

Entrevistado 5 – “Eu ia demorar pra ver tudo. É um por dia... Primeiro eu iria ler aquele ali (*apontando para o da camisinha*). Porque tem mais figura.”

Nesse sentido, consideraram interessante colocar o site com a exposição digital para permitir o acesso posterior das pessoas que não estivessem com tempo de ver a mostra naquele momento.

5.4. Utilização de Imagens

Outro assunto que foi abordado nas entrevistas com os grupos foi a utilização de imagens, pois apenas aparecem imagens dos microorganismos que causam as doenças na versão digital da Exposição DST. Quando questionados sobre isso, se haviam sentido falta de imagens em algum momento e se gostariam que estas fossem acrescentadas, a resposta de ambos os grupos foi unânime: seria desnecessário colocar fotos de indivíduos com a doença, já que muitas pessoas poderiam se chocar com o que vêem.

Primeiro grupo

Entrevistado 4 – “Eu acho que está descrevendo bem, assim a doença, os sintomas, aí dispensa uma imagem.”

Entrevistado3 – “Talvez poderia assustar.”

Entrevistado 2 – “O negócio da imagem podia assustar a pessoa de cara e ela acabar não lendo. A gente iria querer ver, mas tem umas pessoas que iriam ver a imagem, olhar assim e passar adiante, entendeu?”

Entrevistado 5 – “Se colocasse imagens eu nem iria querer ver... Cruz credo! Não quero ver isso não...”

Segundo grupo

Entrevistado 3 – “(...) eu tenho herpes aí eu... seria melhor não ter imagem; alguma coisa com um conteúdo mais ameno (...)”

Entrevistado 1 – “(...) Poderia ser muito forte principalmente pros jovens... Sei lá... Não... Acho que as pessoas poderiam ficar até chocadas, e nunca mais iriam transar na vida.”

Além de poder causar aversão, pode gerar o perigo de autodiagnóstico, como foi dito por um dos participantes. Vale ressaltar aqui também, apesar de nenhum deles ter comentado sobre isso, que colocar imagens pode causar confusão com relação às informações expostas, já que as fotos, geralmente, mostram estágios muito avançados da doença, muitas vezes diferentes dos estágios iniciais, que podem até nem apresentar sintomas.

Entrevistado 2 – “Ou nem irem ao médico: - ‘Pô’, então eu tenho isso”, não sei o que... pelo menos eu imagino.”

Sobre a utilização de imagens de doenças, Pimenta *et al.* (2006) afirmam que o recurso visual em materiais educativos sobre saúde utiliza imagens muitas vezes com uma estética grotesca, que desvaloriza o ser humano, tornando-o apenas uma doença. Além disso, muitas vezes reproduz um preconceito a partir dos desenhos e fotografias utilizadas. E o discurso dos participantes entrevistados reforça essa idéia colocada pela autora.

Apesar de condenarem a utilização de imagens de doenças, não houve controvérsias quanto à utilização de imagens dos microorganismos causadores das doenças. Contudo, também não consideraram de grande importância colocá-las. Para os participantes, a utilização de tais imagens seria apenas para chamar mais atenção para a exposição. Alguns acham que poderia ser interessante apenas para mostrar a imagem do que está causando a doença.

Primeiro grupo

Entrevistado 5 – “la ser bonitinho, mas não sei se ia fazer muita diferença.” “(...) sei lá, qualquer coisa mais coloridinha chama mais atenção.”

Entrevistado 4 – “É. Acho que não ia passar, não ia chamar mais atenção por isso...”

Segundo grupo

Entrevistado 5 – “Eu acho legal assim, porque as pessoas gostam de ver fotos do microscópio.”

Entrevistado 6 – “Sei lá, eu já acho mais interessante na internet.”

Entrevistado 4 – “No site eu acho que a foto ‘tá’ cumprindo a missão dela, mas no cartaz, eu acho que não precisa”

Entrevistado 2- “Botaria mais pra informar, pra saber qual é o microorganismo.”

Entrevistado 1 – “Quando você coloca o nome do vírus, ali pode ser uma informação meio solta, então você pode agregar isso a uma foto. Não ia tirar nada, porque a foto do vírus não ta fazendo muita coisa ali”

6. Considerações Finais

A partir do que foi observado das discussões com os alunos da EPSJV sobre os dois formatos da Exposição DSTs, podemos concluir que o conteúdo apresentado é de grande interesse para os jovens, que não possuem muito conhecimento sobre as diferentes doenças sexualmente transmissíveis. Além das moléstias, é importante sempre enfatizar que o uso da camisinha é essencial para se proteger de qualquer doença. Em relação à linguagem, esta foi considerada jovial, propícia para os adolescentes, de fácil entendimento.

Outro ponto importante foi a disposição do texto, tanto nos cartazes, quanto no computador. Segundo os entrevistados, as informações dispostas em tópicos facilitaram a compreensão. Esta forma de apresentação em exposições, é mais acessível que um texto corrido, como se fosse em uma revista.

Pelas opiniões emitidas pelos participantes, ambos os formatos da exposição tiveram um saldo positivo de aprovação. Porém, pode-se perceber uma pequena preferência pelo formato digital. Talvez, esta preferência possa ser atribuída à maior interatividade, permitindo que o jovem comande o modo com que eles observam a exposição.

O *quiz* DSTs também é responsável pela preferência pela versão digital. Para os alunos, o jogo foi considerado algo fundamental, ajudando na melhor compreensão do conteúdo abordado na exposição.

Apesar dessa pequena preferência pela versão digital, foi considerado que a versão impressa possui sua importância, pois ainda são poucas as pessoas e instituições de ensino que possuem acesso à Internet. Contudo, ressaltou-se a

necessidade de divulgação do endereço do site da Internet, com a exposição digital e o *quiz*.

Em relação às imagens, foi considerado desnecessário o uso de fotografias mostrando casos da doença, já que este poderá causar confusão e afastar as pessoas interessadas, além de apresentar riscos de estimular o autodiagnóstico. Apenas as fotos que representassem os microorganismos causadores das doenças seriam interessantes, mas somente para chamar mais a atenção para a exposição.

As informações obtidas na avaliação possibilitaram constatar que a exposição DSTs deverá – tanto na versão digital como na impressa – ser um meio de divulgação de informações acessível e interessante para o público jovem, população a qual se destina.

A aprovação dos dois formatos levanta uma questão importante em tempos em que se debate o mundo digital e sua preferência acentuada junto ao público jovem. A boa aceitação da versão impressa chama a atenção pelos motivos apresentados: tempo, acesso e tema de interesse, o que pode significar uma questão da ‘oportunidade’ da informação. Corredores de escolas ou de postos de saúde são locais de passagem, e congregam um grande potencial, em suas paredes, para atrair a atenção dos transeuntes. Essencial, como vimos pela opinião destes jovens, é o formato e a linguagem com que uma informação pertinente é fornecida.

7. Bibliografia

BARROS, H. L. **A cidade e a ciência**. In: Massarani, L. Moreira, I.C. & Brito, F. (org.) *Ciência e Público. Caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 2002.

BARSA. Comunicação In *Tempédia*. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil. Publicações Ltda, 1996. p.115-120.

Brasil/MCT/ Ministério da Ciência e Tecnologia. *Percepção pública da Ciência e Tecnologia*. Brasília, 2007 Disponível em http://www.museudavida.fiocruz.br/publicue/media/2007_%20Percepcao_%20Publica_da_CT_Brasil.pdf. Acessado em 09/01/2010

BURNS, T.W; O'CONNOR, D.J. & STOCKLMAYER, S.M. **Science communication: a contemporary definition**. In: *Public Understanding of Science*, n 12 p. 183–202 (2003).

CARRAHER D.W. **O papel do computador na aprendizagem**. *Revista de Acesso*, Ano 3 n. 5, 21-30, jan, 1992. In RESENDE, F. *As Novas Tecnologias na Prática Pedagógica Sob a Perspectiva Construcionista*. Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciência. V.2, n. 1, p. 75-98, mar, 2002

CETIC. Pesquisa **Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e de Comunicação no Brasil**. Disponível em <http://www.cetic.br/usuarios/tic/2008/analise-tic-domicilios2008.pdf>. Acessado em 27/01/2010

CINI, M. **O paraíso perdido**. *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, vol. 23, n. 138, p. 10, maio 1998. p. 10. In

MASSARANI, L. **A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20**. Dissertação. Rio de Janeiro. UFRJ/ECO/IBICT, 1998.

DELAUNAY, G. J. **Novas tecnologias, novas competências**. Educar, Curitiba, n. 31, p. 277 – 293, 2008. Editora UFPR.

MARTÍN-BARBERO, J. **Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século**. Moraes, D. (org). Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro, Ed. Mauad, 2006.

FALK, J.H., STORKSDIECK, M. & DIERKING, L. **Investigating public science interest and understanding: evidence for the importance of free-choice learning**. *Public Understanding of Science* 2007; 16; 455.

FALK, J. DIERKING, L. & ADAMS, M. **Living in a Learning Society: Museums and Free-Choice Learning**. In: MacDonald, S (ed.). *A Companion to Museum Studies* (Blackwell Companions in Cultural Studies). Wiley, John & Sons, Incorporated, Londres, 2005, p.323-339.

FALK, J. **The contribution of free choice learning to public understanding of science**. In: *Interciencia*, feb. 2002, vol.27, no.2, p.62-65.

FERREIRA, E.M. **Jogos eletrônicos e Educação: estudo de caso do jogo Amazônia Brasileira – Excursão do PIATAM**. 1º Colóquio de Pesquisa em Educação e Mídias: diálogo entre culturas – 29 a 31 de agosto de 2007.

HORWITZ,R. & INTEMANN, C. **We Are Your Audience**. In: J. Trant and D. Bearman (eds). *Museums and the Web 2007: Proceedings*. Toronto: Archives & Museum Informatics. Disponível em

<http://www.archimuse.com/mw2007/papers/horwitz/horwitz.html> Acessado em 12/01/2010

LEFÈVRE F. O medicamento como mercadoria simbólica. Cortez, São Paulo, 1991. In MANO S. **Ambiente Virtual como Facilitador do Diálogo sobre Sexualidade entre Adolescentes: Desenvolvimento e Avaliação de um Multimídia Educativo**. 2008. 200 f. Tese. Pós-graduação em Biociências e Saúde - Instituto Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

MANO, S., GOUVEIA, F. C. & SCHALL, V.; “**Amor e Sexo: Mitos, Verdades e Fantasias**”: **Jovens avaliam potencial de material multimídia educativo em saúde**. São Paulo, Revista Ciência & Educação; Vol. 15, N° 3; 2009.

MANO S., GOUVEIA F.C. & PALMA A.M.M. **Exposição DSTs**; Multimídia. Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz/ COC/Museu da Vida; 2009.

MANO S., GOUVEIA F.C. & PALMA A.M.M. **Quiz DST**. Multimídia. Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz/ COC/Museu da Vida; 2009.

MANO S. **Ambiente Virtual como Facilitador do Diálogo sobre Sexualidade entre Adolescentes: Desenvolvimento e Avaliação de um Multimídia Educativo**. 2008. 200 f. Tese. Pós-graduação em Biociências e Saúde - Instituto Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

MANO S., GOUVEIA F.C., PALMA A.M.M. **Amor e Sexo: mitos, verdades e fantasias**. Multimídia. Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz/ COC/Museu da Vida/CNPq; 2004. ISBN n. 85-85239-29-8.

MARANDINO, M. **A pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciência.** In: História, Ciência, Saúde: Manguinhos, v.12 (supplement), 2005.

MASSARANI, L. **A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20.** Dissertação. Rio de Janeiro. UFRJ/ECO/IBICT, 1998.

OLIVEIRA, W. **Descobertas na banca da esquina: um estudo de caso sobre a divulgação da ciência em dois jornais populares.** Dissertação. Rio de Janeiro, UFRJ/Instituto de Bioquímica Médica, 2007.

OZORIO DE ALMEIDA, M. **A vulgarização do saber.** Rio de Janeiro: Ariel Editora Ltda., 1931. p. 237. In MASSARANI, L. **A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20.** Dissertação. Rio de Janeiro. UFRJ/ECO/IBICT, 1998.

PALMA, A. M. M. **Quem Tecla? Pesquisa exploratória sobre o público do museu virtual Invivo.** 2009. 80 f. Dissertação. Pós-graduação em Biociências e Saúde - Instituto Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

PIMENTA, D.N., LEANDRO, M.A.S. & SCHALL, V.T. **Experiências de Desenvolvimento e Avaliação de Materiais Educativos sobre Saúde: abordagens sócio-históricas e contribuições da antropologia visual.** Monteiro, S. & Vargas, E. (org). Educação, Comunicação e Tecnologia Educacional: interfaces com o campo da saúde. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006.

RESENDE, F. **As Novas Tecnologias na Prática Pedagógica Sob a Perspectiva Construcionista.** Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciência. V.2, n. 1, p. 75-98, mar, 2002

ROQUEPLO, P. **La partage du savoir**. Paris: Éditions du Seuil, 1974. In MASSARANI, L. **A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20**. Dissertação. Rio de Janeiro. UFRJ/ECO/IBICT, 1998.

SODRÉ, M. **Eticidade, campo comunicacional e midiatização**. Moraes, D. **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro, Ed. Mauad, 2006.

VALÉRIO, M. & BAZZO, W.A. **O papel da divulgação científica em nossa sociedade de risco: em prol de uma nova ordem de relações entre ciência, tecnologia e sociedade**. Revista Iberoamericana de Ciência, Tecnologia, Sociedad e innovación. N. 7. Dezembro, 2006.

WESTPHAL, M.F., BÓGUS, C.M. & FARIA, M.M. **Grupos focais: experiências precursoras em programas educativos em saúde no Brasil**. Boletim Sanit Panam, n. 120 (6), 472 – 482 (1996).

Site Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio - <http://www.epsjv.fiocruz.br/> - acessado em 15/01/2010.

Site Invivo - Invivo (www.invivo.fiocruz.br). Acessado em 15/01/2010